

Maristela Guedes

Educação em terreiros
e como a escola se relaciona com
crianças que praticam candomblé

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Educação do Departamento de Educação da
PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para
obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Vera Candau

Rio de Janeiro
julho de 2005



Maristela Guedes

Educação em terreiros

*e como a escola se relaciona com
crianças que praticam candomblé*

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª Vera Maria Ferrão Candau
Orientadora
PUC-Rio

Profª Sonia Kramer
Presidente
PUC-Rio

Profª Emília Freitas de Lima
UFSC

Prof. José Reginaldo Prandi
USP

Profª Monique Rose Aimee Augras
PUC-Rio

Prof. Paulo Fernando C. de Andrade
Coordenador Setorial do Centro de
Teologia e Ciências Humanas

Rio de Janeiro, 11 julho de 2005.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora .

Maristela Guedes

Profissionalmente assina Stela Guedes Caputo. Graduiu-se em Comunicação Social pela Universidade Estácio de Sá em 1991. Trabalhou no Jornal O Dia e em diversos jornais sindicais. Recebeu prêmio Vladimir Herzog de direitos humanos, em 1993, na categoria jornalismo impreso por matéria que denunciou ação de grupos de extermínio na Baixada Fluminense. Lecionou na faculdade de jornalismo da Estácio de Sá. Mestre em educação pela PUC-Rio em 1999. Participa do Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Culturas (Dep./Educação - PUC/RJ).

Ficha catalográfica

Guedes, Maristela (Stela Guedes Caputo).

Educação em terreiros e como a escola se relaciona com crianças que praticam candomblé / Maristela Guedes ; orientadora: Vera Candau. – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Educação, 2005.

270 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação.

Inclui referências bibliográficas

1. Educação – Teses. 2. Candomblé. 3. Educação. 4. Discriminação. 5. Multiculturalismo. 6. Ensino religioso. I. Candau, Vera. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

*Para minha mãe, Dulce Caputo Gomes
e meus avós, Maria e Ary com amor e
saúde, infinitos como o Universo.*

*Para meus filhos, Gregório e Gabriela
por nosso amor, por nossa vida.*

*Para Ricardo, Paulinha, a menina de
Obaluaê, Joyce, Jailson, Alessandra,
Michele, Noam, Felipe e para suas
famílias. Por tudo, simplesmente, por
tudo.*

*Para Mãe Palmira e Vinícius Andrade,
em reconhecimento e gratidão.*

*Para Maristela Possadas, porque somos
mãe, irmã e filha uma da outra, na
alegria e na dor, incondicionalmente.*

Agradecimentos

Olorun Ago/Esan Ago/Exu Ago/Ogun Ago/Oxóssi Ago/Omolú Ago/Oxumaré Ago/Nanã Ago/ Ossaim Ago/Ewá Ago/Obá Ago/Oxum Ago/Oya Ago/Iamónjá Ago/Oludumaré Ago/Xangô Ago/Logunedé Ago/Oxalá Ago/Mojúbà Orixás¹

É aqui, na hora de agradecer, que já se coloca a primeira questão dessa tese. Como fazer isso? Como agradecer a tantas pessoas que se somaram, não apenas a esta empreitada, mas que, por tantos modos de convivência, tornaram essa etapa possível? Adianto, então, que qualquer agradecimento que deixe nessas linhas será precário, muito precário.

Fazer doutorado, sobretudo nesse país que despreza a educação pública, não é fácil. Nesse momento, os professores federais recebem a infame proposta de reajuste de 0,1% do mesmo governo afundado na lama do mensalão. Concluímos o doutorado, mas as perspectivas de concurso público são pequenas e a maioria das particulares está demitindo professores doutores porque estes recebem um pouco mais. Depois de anos de esforços e sacrifícios não sabemos o que será. Isso para citar algumas dificuldades que dizem respeito à estrutura político-social de nosso país. No país em que vivemos, marcado pela exclusão da maioria, receber uma bolsa para fazer doutorado é um privilégio. Há então que se agradecer, e agradeço, à CAPES pela bolsa que recebi.

Talvez seja ainda mais difícil fazer doutorado para quem teima conciliar ser mulher, mãe, trabalhar, pesquisar, estudar, tentar arranjar um tempo para o lazer e manter o bom humor. Nem sempre damos conta de tudo. Às vezes, parece que não conseguiremos e, com certeza, se não fossem algumas pessoas, com as mais variadas formas de colaboração e apoio, não conseguiríamos mesmo. Não cheguei aqui sozinha.

¹ Peço licença a todos aos orixás e aos ancestrais. A todos ofereço meus humildes respeitos.

Agradeço assim, à minha amada mãe, Dulce Caputo Gomes, minha companheira, minha força, minha parceira, meu eixo, minha amiga e que tive a infelicidade de perder no dia 19 de julho de 2002. Nesse dia conheci um abismo tão profundo que pensei não mais sair. Mas foi também quando senti, pela primeira vez a roda da qual falarei daqui a pouco. Agradeço a meu pai, Expedito Saraiva de Souza e a meus irmãos. Não é fácil seguir, mas seguimos.

Agradeço a meu ex-marido Nelson Guedes, companheiro e amigo, pai de meus filhos Gabriela e Gregório, pelos quais dou graças à vida todos os dias e aos quais agradeço pelo amor, carinho, compreensão e parceria. Agradeço à Alba, esposa do Nelson, pelo afeto e pela colaboração para as entrevistas com os professores.

Quero agradecer ao meu amado Camillo, amigo de tantos anos, jornadas e desafios. Não só pela ajuda profissional, neste e em outros trabalhos e pela “dupla profissional” que formamos por tanto tempo, mas, sobretudo, pelo amigo e irmão que é. É uma honra caminhar contigo. Agradeço ao amigo Augusto César de Lima, companheiro de anos, de sonhos sonhados, quebrados e reconstruídos em outros sonhos. Pela parceria que fizemos nesse doutorado dividindo alegrias, frustrações, tristezas e novas alegrias porque chegamos juntos ao final.

Agradeço ao grupo de Veras em minha vida. A Vera Maria Candau, professora e orientadora desse trabalho. Ela briga, mas apóia, reclama, mas orienta, incentiva, mostra a direção e, sobretudo, acredita. A Vera Lúcia Fagundes de Souza, amiga de todo dia, toda hora e parceira para o que der e vier. Pela cumplicidade na troca de confidências, dúvidas, anseios, medos, alegrias. Eu também te amo muito. A Vera Lúcia Andrade de Melo, pelo exemplo de coragem, força, determinação, pelo carinho que construímos e pelos abraços que me empresta que, você sabe, me devolvem um pouco minha mãe. A Vera Gonçalves, por nossas mãos sempre juntas, na alegria e na tristeza. A Vera Abreu, pela solidariedade e carinho construídos em parâmetros incomuns porque não nos conhecemos pessoalmente. Agradeço, ainda, a Jorge Abreu, pelo apoio, carinho e solidariedade.

Agradeço a Pedro Rodolfo Bodé, meu professor que há muito, muito tempo atrás me incentivou como mestre e como amigo.

Agradeço aos queridos amigos, Coaracy Guimarães, Ana Manuella Soares, Nádia Pereira de Lima, André Porfiro, Darlene e Michele que são olhos, abraços e palavras de incentivo, força e confiança, sempre. Ao amigo, parceiro e companheiro adorado, André Dias e a Guto, seu irmão, exemplos de fraternidade e companheirismo. A Luiz Henrique Shuch pela amizade, pelo entusiasmo com que sempre acompanhou este trabalho e por ter me apresentado à literatura de Mia Couto com a qual passei a espiar esse texto.

Agradeço a amiga Sônia Norberto pelo incentivo, ainda no início do mestrado, quando Tateávamos por onde seguir.

Quero agradecer ao fotógrafo Marcos Alves, meu companheiro de equipe, em 1992, quando fizemos a reportagem para o jornal “O Dia”. São de Marcos as fotos de Ricardo Nery (da capa) e de Michele (nome fictício), aos 2 anos). Da mesma forma agradeço à amiga e fotógrafa Karina Branco. São de Karina as fotos de Jailson dos Santos, aos 12 anos e de Paula Esteves, aos 10 anos. As fotos cedidas pelas famílias estão identificadas ao longo do trabalho e agradeço às famílias das crianças pela confiança². Agradeço também a Marcelo do Kronocromo, pelo cuidado com as revelações das fotos ao longo desses anos e pelas dicas.

Agradeço imensamente ao meu querido Luiz Carlos Lima, amigo e parceiro nas primeiras imagens de vídeo que tentamos fazer nos terreiros e ao Wagão, do Cecip, que transformou algumas imagens que eu só tinha em vídeo para fotografia. Agradeço ao querido Antônio, da Livraria da Travessa (Ouvidor), pela ajuda constante na busca de livros, pelo cuidado e atenção e por sempre dizer que tudo vai dar certo nem que seja lááááá no final.

Agradeço aos amigos da Associação dos Docentes da UFF (ADUFF), Alitane, Luiza, Paulinho, Mônica e Nildomar. Sem vocês, companheiros de todo dia, na força, solidariedade e na compreensão, eu

² Todas as outras fotos foram feitas por mim.

não teria conseguido, vocês sabem disso. Agradeço também aos professores diretores dessa entidade, pelo apoio e confiança. E, ainda, aos amigos sempre iluminados, Ademir e Iara, pela energia, afeto e força.

Agradeço aos amigos Volney Berkenbrock e Francisco Moras, amigos de muitos e muitos e muitos anos pelo incentivo e força, sempre.

Agradeço também aos professores que participaram do primeiro exame de qualificação a que essa pesquisa foi submetida. Aos mestrandos e doutorandos que por ventura estiverem presentes a esta defesa ou lerem este trabalho, um conselho: não subestime os exames, não os desprezem, não reclamem porque, aqui na PUC, passamos por duas qualificações antes da defesa final. Nessa primeira banca, a professora Sônia Kramer levantou questões fundamentais sobre ética e fotografia que ajudaram muito minha reflexão ao longo do percurso. Também foi nesse exame que recebi críticas fundamentais da professora Monique Augras. Não fosse isso, essa pesquisa não seria o que é, não teria tomado o rumo que tomou.

Quero agradecer aos professores do Departamento de Educação da PUC, especialmente a professora Zaia Brandão, Rosália Maria Duarte, Sônia Kramer e Isabel Lelis, pelo incentivo aos trabalhos e às publicações. Agradeço ao querido professor Leandro Konder, com quem fiz cinco disciplinas entre mestrado e doutorado e que, se pudesse, faria outras tantas, pelo resto da vida. Agradeço muito aos funcionários desse departamento, especialmente à Patrícia e Genecy, pela gentileza e colaboração constantes.

Meus sinceros agradecimentos ao professor Carlos Sckliar pela leitura de parte deste material, pela interlocução e carinho. Ao amigo Eduardo Coutinho, pelo sentimento que guardamos há tantos anos e pela interlocução a respeito dos conceitos de tradição e tradicionalismo.

Agradeço também aos professores que entrevistei e a Coordenação de Ensino Religioso do Rio, pela colaboração. Agradeço, especialmente, à direção da Escola Estadual João da Silva pela disponibilidade e colaboração. Um agradecimento especial ao professor Nicolas, antropólogo e professor de Educação Religiosa do Estado do Rio. Por causa de nossa longa conversa, em uma tarde, nas escadarias

do CCBB, olhei melhor a hipótese que construía e reconstruía. Agradeço aos amigos e amigas do doutorado e do GECEC.

Agradeço a minha amada Maristela Possadas, amiga incondicional, que ilumina minha vida, me enche de orgulho e honra por sua amizade. Agradeço muito a Victor Andrade de Melo por partilhar opiniões bem próximas de como devemos nos apaixonar sim pelas pesquisas que fazemos e, com a mesma paixão, escrevê-las.

Agradeço, especialmente e, sobretudo, às crianças dos terreiros em que andei. Ricardo, Paula, Joyce, Jailson, Luana, a menina de Obaluaê, Noam e Felipe. Às irmãs Alessandra e Michele (essas com nomes fictícios). Agradeço a Joseane, Márcia, Claudinho, Wagner, Tatiana, Nani, Lucas, Bia, Ítalo. Agradeço de todo o meu coração, a minha amada Mãe Palmira de Iansã que me abriu, durante anos, sua casa e seus braços. Agradeço também aos filhos e filhas-de-santo desse terreiro, em especial, aos pais das crianças que entrevistei e acompanhei. Agradeço a Mãe Beata de Yemonjá e a Mãe Regina Lúcia do Axé Opô Afonjá. Agradeço a Jussara Esteves e Paulo Alves, pais de Paulinha. Agradeço a dona Conceição e seu Jorge, pais de Michele e Alessandra. A Adailton Moreira, pai da menina de Obaluaê. A Dóia, mãe de Noam. Agradeço a Laércio, avô de Felipe, a Jaciara e a Roberto, pais de Felipe e a Paulo e Fernanda, seus irmãos. Agradeço a Joelma, mãe de Joyce e Jailson e a Flávia e Marcos Navarro, pais de Luana. Agradeço à Sônia, da Casa de Mãe Palmira, pelo imenso carinho (e pelos bolos!). Não houve um dia sequer nessa pesquisa em que não tenha sido bem recebida nessas casas. Muito obrigada aos filhos e filhas-de-santo de cada terreiro em que estive. Agradeço muito carinhosamente à Mãe Meninazinha d'Oxum. Durante muitas noites e madrugadas ouvi o CD ILÊ OMOLU OXUM, de sua casa, e escrevia muito mais feliz esse trabalho.

Agradecendo às bancas dos terreiros

Em tese, este trabalho já passou por duas bancas acadêmicas. O Exame I e II e a terceira e última, essa, na qual estamos. Contudo, não posso deixar de agradecer à inúmeras bancas dos terreiros,

realizadas das mais diversas formas e que corrigiram esse material até aqui. Muitas bancas foram realizadas na cozinha de Mãe Palmira, onde ela corrigiu vários termos que eu entendia errado e, portanto, escrevia errado. Até entender que *Ipètê*³ não é *Ipàdé*⁴ e *acaçá*⁵ não é *amalá*⁶ foi uma boa caminhada. Eu trocava tudo. Mãe Palmira, às vezes, me olhava e perguntava: “*De onde foi que você tirou isso?*” e eu respondia: “*Não sei. Não é não?*” E Ela, pacientemente, trocava o errado pelo certo.

O texto que apresento, talvez ainda contenha erros, mas, certamente, estaria pior, não fossem as correções feitas nos terreiros. Quantas vezes liguei para Adailton para tirar uma dúvida? Para Michele? Para Ricardo? Paulinha? Se pudesse, apresentaria uma versão do antes e do depois desses acertos e morreríamos de rir. Na verdade, errar no terreiro é aprender, Benistes está certo. Errar, para mim, foi uma das melhores partes. Não quero entregar esse texto como se eu tivesse sempre entendido tudo direitinho. Não entendia, apanhei muito. E era bem divertido. Tanto é assim que deixo, na página 68, propositalmente, um enorme erro que poderia ter corrigido tão logo apontado, mas não corriji para que, juntos, possamos ver parte desse processo que descrevo.

No dia 18 de junho de 2005, era matança de Xangô e cheguei com essa tese já pronta ao Ile Omo Oya Legi. Deixei uma cópia com alguns filhos e filhas-de-santo para que lessem. Sentado na escada, Jucemar folheava o material e, de repente, me chamou e perguntou: “*Ô Stela, você já viu Oxum de óculos?*” Respondi: “*Eu não!*” Jucemar falou: “*Então olha essa foto aqui*”. E, na foto, está Leuziane com uma legenda em que se lê: “*Oxum em Leuziane, filha-de-santo do terreiro de Mãe Palmira*”. Na hora, “todas as fichas caíram” de uma só vez. Era Leuziane de Oxum, mas ainda não era Oxum em Leuziane. Todos nós

³ Denominação da comida oferecida a Oxum e que dá nome à festividade. (Beniste, 2002:148).

⁴ Ritual realizado à tarde, entre 14 e 16 horas, e com as luzes apagadas, no mesmo dia em que é celebrada a festa noturna ao Orixá (id.;264).

⁵ Angu ou mingau preparado com farinha de milho branco.

⁶ Prato feito com quiabo.

rimos muito e sempre foi assim que aprendi no terreiro, com ajuda, com muita ajuda. A vocês Jucemar e Leuziane, também agradeço.

Quero agradecer de maneira especial, à Vinícius Andrade de Melo. Também suas correções eram divertidas. Sempre que me via tratando, principalmente aos égúns, de maneira informal no texto ele perguntava: *“É teu parente? Que intimidades são essas?”* E ele próprio reescrevia o termo corretamente. Agradeço a Vinícius não só pelas correções, informações e sugestões fundamentais a este trabalho, mas, sobretudo, porque operou uma mudança na forma como eu via a própria pesquisa e me colocava dentro dela.

Finalmente quero agradecer à roda. A roda que se formou em torno de mim em dois momentos muito duros na minha vida. Quando minha mãe morreu, no final de um semestre desse doutorado e quando, sinceramente, quase desisti dele. E, quando, terminava a pesquisa passando por momentos difíceis e confusos. É bom sentir a presença dos amigos quando tudo está bem, em harmonia e equilibrado. Mas é quando tudo desaba, desequilibra e você quase desaparece que a roda se forma. A roda é quando os amigos dão as mãos e te abraçam, cada um do seu jeito, mas na roda, e te trazem de volta.

Por fim, de verdade e para sempre, mais uma vez, agradeço a Palmira de Iansã que, em uma de nossas conversas na cozinha de sua casa, me disse: *“Não se mate, não se canse, nem maltrate seus sentidos, o que tiver de ser, trará as forças consigo”*.

Muito obrigada!

Stela Guedes Caputo

Resumo

Guedes, Maristela; Candau, Vera. **Educação nos terreiros, e como a escola se relaciona com crianças que praticam candomblé**. Rio de Janeiro, 2005. 272p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ricardo Nery, Paula Esteves, Joyce dos Santos, Jailson dos Santos, Luana Navarro, Michele dos Santos, Alessandra dos Santos, Noam Moreira e Felipe dos Santos são crianças e adolescentes (Joyce e Jailson já estão adultos) que praticam candomblé. Assim como muitas outras, elas desempenham funções específicas, recebem cargos na hierarquia dos terreiros e manifestam orgulho de sua religião. Muitas são iniciadas e, depois de um longo aprendizado, estão preparadas para receberem os orixás. Durante 13 anos, acompanhei, observei, entrevistei e fotografei essas pessoas e as vi crescendo no terreiro. Ao mesmo tempo, busquei verificar como a escola se relaciona com crianças e adolescentes que praticam candomblé, principalmente depois da aprovação e aplicação da Lei de Ensino Religioso no Rio de Janeiro (Lei 3459), que estabeleceu o ensino religioso confessional no Estado. O referencial teórico utilizado para atravessar essa ponte entre o terreiro e a escola tem como perspectiva a discussão sobre educação multicultural. É disso que trata esta pesquisa.

Palavras-chave: candomblé, educação, discriminação, multiculturalismo, ensino religioso.

Abstract

Guedes, Maristela; Candau, Vera. **Educação nos terreiros, e como a escola se relaciona com crianças que praticam candomblé**. Rio de Janeiro, 2005. 272p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ricardo Nery, Paula Esteves, Joyce dos Santos, Jailson dos Santos, Luana Navarro, Michele dos Santos, Alessandra dos Santos, Noam Moreira and Felipe dos Santos are children and teenagers (Joyce and Jailson are adults already) who are faithful to *Candomblé*. Like other children, they play specific role, are given titles in the hierarchy of the *terreiros* and are pried of their religion. Many children get in touch with *Candomblé* and, after a long period, they are ready to be possessed by *Orixás*. For 13 years, I have accompanied, watched, interviewed and photographed those people and I have seen their growing up in the *terreiro*. At the same time I have tried to look into the way school get in touch with children and teenagers who are faithful to *Candomblé*, mainly after the approval and the application of the Law of Religion Teaching for Rio de Janeiro (Law 3459), that laid down a confessional religion teaching in the State. The theoretical references used to cross the bridge from *terreiro* to school is the discussion on multicultural education. That is the matter of that research.

Key words: *candomblé*, education, prejudice, multiculturalism, religion teaching.

Sumário

1 – Introdução	22
1.2 Para não mutilar a pesquisa	23
1.3 Construindo a questão (da reportagem ao problema).....	26
1.4 Primeiras notícias do preconceito	29
1.5 Falando da travessia (no terreiro e na escola)	33
1.6 Mudando a estratégia para a escola	34
1.7 Dos fios-de-contas e das hipóteses	36
1.8 E por que o candomblé?	40
1.9 Sobre uma pescadora fotográfica	
<i>E sobre uma questão ética</i>	<i>40</i>
1.10 Duas etnografias	43
2 – Olhando em caroços de dendê	
<i>Uma aproximação do candomblé</i>	<i>45</i>
2.1 Sobre religiões afro-brasileiras	46
2.2 História e Resistência	49
2.3 Sem história e sem alma	50
2.4 A árvore do esquecimento.....	51
3 – Um terreiro de candomblé.....	55
3.1 O Ilê Omo Oya Legi	
<i>A casa dos filhos de Iansã e Omolú</i>	<i>57</i>
3.2 Voltando aos orixás	61
3.3 Omolú e Iansã	69
3.4 Palmira de Iansã.....	71
3.5 Conflitos e problemas no terreiro	75
4 – “Omode quequerê” - crianças no candomblé	
<i>(por que? como? o que se aprende? quem ensina?)</i>	<i>77</i>
4.1 A iniciação	78
4.1.1 A raspagem da cabeça e outros rituais	80
4.1.3 A nova vida começou	83
4.1.4 O que se come	84

4.1.5	Iniciados ainda no ventre	84
4.1.6	A antiguidade iniciática	85
4.1.7	Abrir a fala com o outro	86
4.1.8	Kosí ewe, kosí Òrìsà <i>Sem folha não há Orixá</i>	88
4.2	Ricardo de Xangô <i>o menino que segue pelo caminho do fogo</i>	90
4.2.1	Èwó - Quizilas e limites	97
4.2.2	Pressão demais?	101
4.3	Paulinha de Xangô	104
4.3.1	E Xangô não veio	107
4.3.2	Na festa do presente <i>pensando sobre identidades</i>	110
4.4	Joyce de Iemanjá	113
4.5	Jailson de Oxumaré	118
4.6	Joseana não quis continuar	122
4.7	Èpá heyi Iansã! <i>E os verdadeiros autores dessa tese</i>	123
4.7.1	O abraço de Iansã	131
4.8	Luana, 4 anos, futura mãe-de-santo <i>sucessora de Mãe Palmira</i>	133
4.8.1	“Kotokuto”, um novo orixá	136
4.9	Conceição de Xangô, Michele de Oxum e Alessandra de Iansã <i>Mãe e filhas ekedis</i>	139
4.9.1	Xícaras de Xangô e oferendas <i>polêmicas entre mãe e filha</i>	143
4.9.2	Ekedis não raspam a cabeça <i>e outras diferenças com as iaôs</i>	145
4.9.3	Para escapar do preconceito <i>estratégias para se tornar invisível</i>	146
4.10	Mãe Beata de Yemonjá	150
4.10.1	Preconceitos na infância	151
4.10.2	A iniciação de crianças no terreiro de Mãe Beata	152
4.10.3	Respeitar os mortos e os vivos	153
4.10.4	Respeito às diferenças das casas	154
4.10.5	A menina de Obaluaê e Noam de Oxalá, as <i>crianças de Mãe Beata</i>	155
4.11	O culto aos ègúns	157

4.11.1	Felipe, sacerdote do culto aos ègúns desde os 5 anos	159
4.12	Um encontro, uma reconciliação	164
5	O Candomblé e a escola	166
5.1	<i>“Quando vou pra a escola sempre uso camisas de mangas para que cubram as curas”</i>	166
5.2	Hoje como ontem	167
5.3	Jailson: <i>Nunca me discriminaram, a não ser aquele preconceito normal</i>	169
5.4	Em 1996, na escola de Jailson e Joyce	170
5.5	O ensino religioso no Rio	172
5.5.1	A polêmica	174
5.6	Observações na Escola João da Silva	176
5.6.1	O que acontece na prática	176
5.6.2	Pai-Nosso na hora da entrada	177
5.6.3	A invisibilidade de Tauana e Tainara	180
5.6.4	Seleção de conteúdo privilegia católicos e evangélicos.....	181
5.6.5	Conversão comemorada	182
5.6.6	A exclusão que não se esconde	185
5.6	Uma experiência outra	186
5.7	O que dizem outros professores de ensino religioso.....	190
5.8	Para professores de umbanda o Estado está cometendo uma injustiça	191
5.9	Cultura da escola e cultura escolar	192
5.10	E quem criou o mundo?	196
5.11	Ave Maria na hora da merenda <i>O depoimento de Adailton, pai da menina de Obaluaê</i>	196
5.12	<i>“Se a escola excluir os alunos de candomblé, a escola não merece nenhum respeito”</i>	199
6	Um Brasil homogêneo?.....	202
6.1	O semióforo e a mercadoria	204
6.2	A escola e a árvore do esquecimento	205

6.3	A condição branca	207
6.4	Racismo, educação e a síndrome do vampiro	208
7	– Educação e a diversidade	211
7.1	O multiculturalismo emancipatório de Santos	213
7.2	Os multiculturalismos de McLaren	217
7.3	Avanços e limites da pedagogia crítica	220
7.4	Para além da pedagogia crítica	222
7.5	Pelo direito de se narrar e de narrar o mundo.....	223
7.6	McLaren, Paulo Freire, Joyce, Jailson, Tauana e Tainara	225
7.7	Suspeitando da tolerância	227
8	– Iká kô dogbá (os dedos não são iguais)	
	Reflexões finais	230
8.1	Das pontas do candomblé	
	<i>E também da identidade</i>	230
8.1.2	Identidade Negra.....	232
8.1.	Dialogando com Prandi, Adailton Moreira	
	Mãe Palmira e Coutinho	234
8.2	Das pontas da escola	
	<i>Alguns caminhos apontados por Candau e Moreira</i>	241
8.3	Das pontas de minha hipótese	
	<i>O fio-de-conta que uso é de Xangô</i>	244
8.4	Das pontas sobre “nós” e os “outros”	
	<i>Conversa com Skliar: para desassossegar o que dissemos</i>	247
8.4.1	A identidade mítica	
	<i>Um diálogo com Monique Augras e Paulinha de Xangô</i>	251
8.5	Das minhas próprias pontas	
	<i>O inventário de mim, “aprendiz de macumbeira”</i>	256
	Bibliografia	266

Índice de Imagens

- 1** Matéria de O Dia – pg. 25
- 2** Ricardo Nery na escola, 1992 – pg.28
- 3** Capa do Livro Orixás caboclos e guias, pg. 31
- 4** Página 50 do Livro Orixás, cablocos e guias, com fotos discriminando Ricardo Nery e Paula Esteves, pg. 32
- 5** Enfiamento de contas no terreiro de Mãe Beata, pg. 39.
- 6** Lucas, no portão do Ile Omo Oya Legi, pg. 58.
- 7** Oxóssi em Mãe Muta (duas fotos), pg. 62.
- 8** Ogun em Jussara (duas fotos), pg. 64.
- 9** Xangô no terreiro de Mãe Palmira, pg. 66.
- 10** Leuziane e Oxóssi em Jucemar, pg. 68.
- 11** Mãe Palmira na comemoração de natal, pg. 79.
- 12** Ricardo Nery, 4 anos (a), pg. 90.
- 13** Ricardo Nery, 2 anos, pg. 92.
- 14** Ricardo Nery, 4 anos (b), pg. 94.
- 15** Ricardo Nery, 4 anos, rf. a idade iniciática, pg. 96.
- 16** Ricardo Nery, 8 anos, pg. 98.
- 17** Ricardo Nery com Mãe Palmira, pg. 100.
- 18** Ricardo Nery, 17 anos, pg. 102.
- 19** Ricardo Nery tocando em uma festa de Oxossi, pg. 103.
- 20** Ricardo Nery tocando em outra festa, pg. 103.
- 21** Paula de Xangô, iniciação aos dois anos, pg. 104.
- 22** Paula de Xangô com roupa de seu orixá, aos dois anos, pg. 106.
- 23** Paula de Xangô, confirmação aos 8 anos, pg. 107.
- 24** Paula de Xangô, aos 10 anos, pg. 109.
- 25** Paula de Xangô, 18 anos, pg. 112.
- 26** Joyce de Yemanjá, aos 13 anos, pg. 113.
- 27** Joyce de Yemanjá, aos 21 anos, pg. 117.
- 28** Jailson de Oxumaré, aos 12 anos, pg. 118.

- 29** Jailson no atabaque com Ricardo, pg. 120
- 30** Jailson, aos 20 anos, pg. 121.
- 31** Joseane desistiu do candomblé, pg. 122.
- 32** Matança de lansã, pg. 125.
- 33** Crianças observam matança de lansã, pg. 125.
- 34** Cabra para ser sacrificada, pg. 127.
- 35** Crianças observam sacrifício, pg. 127.
- 36** Bia grita *Èpá heyi lansã*, pg. 130.
- 37** Fila para abraçar lansã, pg. 132.
- 38** Luana, 4 anos, sucessora de Mãe Palmira, pg. 133.
- 39** Luana observa matança de lansã, pg. 135.
- 40** “Kotokuto”, orixá inventado por Luana, pg. 137.
- 41** O sorriso de Luana, pg. 138.
- 42** Michele, aos dois anos, pg. 123.
- 43** Dona Conceição, mãe de Michele, pg. 149.
- 44** Noam de Oxalá, neto de Mãe Beata, pg. 155.
- 45** Felipe, 8 anos, ojé, pg. 159.
- 46** Família de Felipe, pg. 163.
- 47** Pai-nosso na hora da entrada, pg. 179.
- 48** Texto distribuído na aula de religião, pg. 184.
- 49** Capa da revista com heroína negra, pg. 189.
- 50** Aluno da escola João da Silva, em frente a um cartaz na escola, pg. 195.
- 51** Adailton, Babá-egbé do terreiro de Mãe Beata, pg. 198.
- 52** Mãe Beata de Yemonjá, pg. 201.
- 53** Celular no terreiro, pg. 236.
- 54** Debate na escola de Ricardo Nery, pg. 240.
- 55** Paula com Xangô andando no terreiro, pg. 254.
- 56** Paula com Xangô dançando no terreiro, pg. 254.
- 57** Paula com Xangô, com a roupa do orixá, pg. 255.
- 58** Paula com Xangô a respeito da identidade mítica, pg. 255.
- 59** Vinícius de Andrade e Mãe Palmira, pg. 259.
- 60** Crianças na assistência, pg. 260.
- 61** Criança espiando na roda de santo, pg. 260.
- 62** Crescendo entre pessoas e orixás. pg. 261.

- 63** Dançando para os orixás, pg. 261.
- 64** Dançando na roda, pg. 262.
- 65** Dançando no terreiro, pg 262.
- 66** Mãe Palmira, em 1996 com as crianças, pg. 263.
- 67** Mãe Palmira, em 2005, com as mesmas crianças, pg. 264.

A explicação é uma definição pessoal. É só o raciocínio de alguém interpretando as coisas dentro de seus próprios limites. A minha explicação só é boa para mim.

(Verger)